

Excursão sobre a Criação da Vida e a Diversidade Biológica (Parte 15): Genealogias em Gênesis 1-11

Seção 09 / Aula 15

Autor: William Lane Craig

Publicado no YouTube: 20/06/2026, 11:00:06 (horário de São Paulo)

Aula original: June 12, 2019

[Assistir à aula no YouTube](#)

[Acessar o Curso Defensores - Seção 09](#)

Transcrição conforme a legenda em português do vídeo. Revisão: 22/10/2026.

Genealogias e interesse histórico

Em nossa última sessão, sustentei que Gênesis 1-11 está repleto de motivos etiológicos concernentes às origens do mundo, à origem da humanidade, à origem de certos fenômenos naturais, de várias práticas culturais, e da prática religiosa predominante em Israel. Assim, mesmo que as tentativas de mostrar empréstimo direto de Gênesis 1-11 de antigos mitos do Oriente Próximo estejam carregadas de incerteza e conjectura, não penso que se possa negar plausivelmente que estes capítulos em Gênesis tratem muitos dos mesmos grandes temas que os mitos do Antigo Oriente Próximo, e eles também buscam fundamentar realidades presentes para o autor pentateucal no passado primordial. Portanto, eles merecem ser classificados como um mito hebraico monoteísta segundo a definição padrão de mito entre os folcloristas. Mas essa não é a história toda! Pois há uma característica adicional destas narrativas que agora deve ser levada em conta, e essa é seu aparente interesse pela história. Este interesse vem à expressão mais claramente nas genealogias que ordenam as narrativas.

Uma genealogia pode ser definida como uma expressão escrita ou oral da descendência de uma pessoa a partir de um ancestral ou de ancestrais. Há dois tipos de genealogias que foram identificados. Primeiro, uma genealogia linear traça uma única linha de descendência a partir de algum ancestral até um de seus descendentes. Em contraste, uma genealogia segmentada traça a linhagem de múltiplas pessoas a partir de ancestrais no passado. Em Gênesis 1-11 encontramos tanto genealogias lineares quanto segmentadas. As narrativas de Gênesis são salpicadas com estas genealogias que expressam a descendência dos personagens principais que figuram nas narrativas. Estas são introduzidas por uma fórmula padrão: “Estas são as gerações de.” A palavra em hebraico é toledoth que significa literalmente “gerações” – estes são os gerados, ou as gerações de, algum ancestral particular. Há dez dessas fórmulas toledoth em Gênesis que pontuam as narrativas. Ao ordenar os personagens principais das narrativas em linhas de descendência estas genealogias toledoth transformam as narrativas primevas em uma história primeva.

Você não tem em Gênesis 1-11 simplesmente um conjunto ou agrupamento de histórias pré-históricas desordenadas, mas antes um relato cronológico que começa no momento da criação e segue até o chamado de Abraão no capítulo 12. O proeminente comentarista do Antigo Testamento Gordon Wenham refere-se às genealogias como a espinha dorsal de Gênesis 1-11. Penso que esta é uma metáfora muito adequada. Ter uma espinha dorsal não determina que tipo de estrutura corporal um vertebrado tem, se ele tem, por exemplo, pernas ou braços ou nadadeiras ou asas ou nenhum membro. As fórmulas toledoth ajudaram a ordenar as

histórias de Gênesis 1-11 cronologicamente do início ao fim, mas elas não determinam a estrutura literária da história. Em contraste com as listas reais mesopotâmicas que listam reis sucessivos em ordem ascendente (isto é, indo do presente de volta ao passado), as genealogias de Gênesis listam as pessoas em uma ordem cronológica descendente e assim impulsionam as narrativas para frente no tempo. A mera cronologia, contudo, não é suficiente para indicar um interesse histórico.

Afinal, até mesmo um mito como o Enuma Elish, que examinamos em uma lição anterior, contém histórias ordenadas cronologicamente. Por exemplo, o deus Marduk conquista Tiamat antes de ascender à supremacia sobre os deuses. Assim, a mera ordenação cronológica das histórias não é suficiente para a história. O que torna Gênesis 1-11 diferente é que as genealogias passam sem descontinuidade para o período histórico dos patriarcas onde o interesse histórico é óbvio e não está em disputa. Assim como Abraão é apresentado como uma pessoa histórica, também seus ancestrais são apresentados como pessoas históricas. A falta de diferenciação entre Abraão e seus sucessores e seus predecessores sustenta a visão de que Gênesis 1-11 pretende ser uma história primeva.

A função das genealogias em Robert Wilson

Dito isso, contudo, a relação entre as genealogias de Gênesis e o interesse histórico não é tão direta quanto poderia parecer à primeira vista. O livro inovador de Robert Wilson *Genealogy and History in the Biblical World* (1977) sobre a função das genealogias foi decisivo na compreensão do papel das genealogias em geral e no texto bíblico em particular. Neste livro, Wilson busca abordar a questão fundamental: As genealogias são um gênero historiográfico de literatura? Elas foram construídas com o propósito de fazer um registro histórico? Em um esforço para responder a esta questão fundamental, Wilson examina tanto os dados coletados por antropólogos contemporâneos sobre como as genealogias funcionam em sociedades tribais quanto também a partir da evidência literária comparativa do Antigo Oriente Próximo. Com respeito ao primeiro (os dados antropológicos sobre como as genealogias funcionam em sociedades tribais), Wilson reúne dados que mostram que genealogias orais frequentemente envolvem diferentes funções domésticas ou políticas, às vezes resultando em genealogias conflitantes, cada uma das quais é considerada válida pela sociedade em sua própria esfera.

Wilson resume os achados antropológicos com estas palavras: "Os dados que reunimos até agora lançam considerável dúvida sobre a proposição de que genealogias orais funcionam primariamente como registros históricos. Em nenhum lugar em nosso estudo da função genealógica vimos genealogias criadas ou preservadas apenas para propósitos historiográficos. Antes, vimos que genealogias orais geralmente têm alguma função sociológica na vida da sociedade que as utiliza. Mesmo quando genealogias são recitadas como parte de uma história de linhagem, é provável que reflitam relações domésticas, políticas ou religiosas existentes no presente em vez de no passado. O propósito da recitação não é fornecer o tipo de relato histórico preciso que é o objetivo do historiador moderno, mas legitimar configurações contemporâneas de linhagem." A ênfase aqui, eu penso, está nas palavras "primariamente" e "apenas." Não é surpreendente que sociedades tribais não tenham uma busca desinteressada pela história por causa dela mesma. Mas isso não implica uma ausência de interesse histórico da parte delas. É apenas que esse interesse está subordinado a necessidades contemporâneas.

Assim Wilson diz: "Embora genealogias orais não sejam criadas ou preservadas para propósitos estritamente historiográficos, as genealogias que são aceitas por uma sociedade são, não obstante, consideradas declarações precisas de relações domésticas, políticas e religiosas passadas. Uma sociedade pode manipular conscientemente uma genealogia, e grupos rivais dentro da sociedade podem apresentar genealogias tendenciosas conflitantes, mas uma vez que a sociedade concorda que uma versão particular da genealogia está correta, essa versão é citada como evidência histórica para sustentar...essa versão é citada como evidência histórica para sustentar configurações sociais contemporâneas." Como vimos, esta é praticamente a mesma preocupação que impulsiona a produção de mitos... Isto é, o desejo de fundamentar realidades presentes no passado primordial. Por mais interessantes que estes dados da antropologia contemporânea possam ser, sua aplicação ao antigo Israel deve estar carregada de incerteza à luz da inacessibilidade dos dados concernentes às tradições orais hebraicas. Simplesmente não temos acesso a elas. Mais relevante, penso eu, será a evidência literária comparativa das genealogias do Antigo Oriente Próximo.

Ao considerar as antigas genealogias mesopotâmicas, Wilson passa a um exame das listas reais sumérias, assírias e babilônicas de governantes sucessivos. Ele conclui que as listas estavam primariamente preocupadas com a sucessão de cidades ou dinastias pelas quais a realeza passou, ou com a antiguidade da realeza em uma cidade. Em algumas listas, a fórmula, "____, filho de ____" é simplesmente imposta aos nomes na lista pelo escriba, quer se aplicasse literalmente ou não. Assim, nas listas reais mesopotâmicas, as genealogias, não têm nenhum papel na função geral das listas. As genealogias eram simplesmente parte da informação adicional que os compiladores das listas acrescentaram a elas. Wilson conclui: "Como regra, genealogias do Antigo Oriente Próximo parecem não ter sido criadas especificamente com o propósito de escrever história.

Elas raramente têm funções estritamente historiográficas, mas geralmente funcionam sociologicamente de modo muito semelhante às genealogias orais que examinamos." Não obstante, ele diz: "elas ainda são fontes históricas valiosas desde que sua natureza e suas funções sejam levadas em conta." Se Wilson está correto sobre o papel das notas genealógicas nas listas reais mesopotâmicas, então estas listas dificilmente são comparáveis às genealogias bíblicas, pois as genealogias bíblicas não são apenas listas de nomes que são incidentalmente genealógicas. As genealogias lineares nem sequer existiriam se as conexões genealógicas fossem removidas. Isso as torna completamente diferentes, penso eu, das listas reais mesopotâmicas. Por exemplo, o rei Esar-Hadom talvez não tenha sido a descendência literal de seu predecessor real, mas Sete é considerado o terceiro filho de Adão. Ao tratar das genealogias de Gênesis 1-11, Wilson considera apenas as genealogias de Caim no capítulo 4 e de Sete no capítulo 5.

Infelizmente, a análise de Wilson é fundamentada em pressupostos sobre a história da tradição por trás destas genealogias que o levam a tratar estas passagens como versões contraditórias da mesma genealogia. Elas são realmente a mesma genealogia, embora agora contradigam uma à outra. Inteiramente à parte da estreiteza de sua amostragem (apenas duas genealogias dentre todas elas), a incerteza que acompanha estes pressupostos e inferências torna as conclusões de Wilson sobre a função das genealogias bíblicas menos convincentes. Por exemplo, suas afirmações sobre a fluidez dos nomes no meio da genealogia podem ser

igualmente tomadas como evidência de que elas não são a mesma genealogia. Wilson conclui: "Nosso trabalho sobre genealogias bíblicas bem como extrabíblicas indica que genealogias normalmente não são criadas com o propósito de transmitir informação histórica. Elas não pretendem ser registros históricos.

Antes, na Bíblia, bem como na literatura do Antigo Oriente Próximo e no material antropológico, as genealogias parecem ter sido criadas e preservadas para propósitos domésticos, político-jurídicos e religiosos, e a informação histórica é preservada nas genealogias apenas incidentalmente." Infelizmente, esta conclusão não foi estabelecida pela evidência citada por Wilson, mas depende de uma amostragem estreita do material bíblico e de pressupostos e inferências incertos sobre essa amostra. Wilson não estabeleceu que em Gênesis 1-11 as genealogias pareçam ter sido criadas e preservadas para propósitos domésticos, político-jurídicos e religiosos. Por quê? Segundo a terminologia de Wilson, genealogias do Oriente Próximo funcionam na esfera doméstica quando são parte de nomes pessoais como "____, filho de ____." Elas funcionam na esfera político-jurídica quando são usadas para legitimar detentores de cargos reais e profissionais, como as listas reais. E elas funcionam na esfera religiosa ou cútica quando são parte de um culto aos ancestrais. É notável que nenhuma dessas funções se aplica às genealogias de Gênesis 1-11.

Segundo estas definições, elas não funcionam nem domesticamente, nem político-juridicamente, nem religiosamente. Embora Wilson pense que as genealogias lineares em Gênesis 4 e 5 funcionem na esfera religiosa, é preciso admitir que não há nenhum traço em Gênesis de um culto aos ancestrais, que é o modo pelo qual ele define a função religiosa.

Relato da viagem às escolas britânicas

Vejo que nossa apresentação de slides está pronta para ser exibida, então deixe-me dizer apenas uma palavra sobre o que isto apresenta. Jan e eu acabamos de retornar de uma turnê de palestras em escolas privadas inglesas.^[1] Visitamos seis escolas na Inglaterra: Wellington College, Harrow School, Eton College, Winchester College, Bedales School, e finalmente Canford School. Estas escolas particulares com internato estão entre as escolas mais elitizadas da Grã-Bretanha. Elas são frequentadas por filhos de famílias ricas, embora também ofereçam bolsas para os pobres. Mas a educação que elas oferecem é inacreditável. Estas são para jovens de treze a dezoito anos, então eles são adolescentes. Eles são alunos do ensino médio, basicamente. E ainda assim a educação que recebem lá é simplesmente impressionante. Quando estivemos em Eton, por exemplo, encontrei membros do Departamento de Teologia e Filosofia, e eles me disseram que têm treze membros em seu Departamento de Teologia e Filosofia, e que muitos destes obtiveram doutorados. Agora, lembre-se: isto é ensino médio! Assim, foi um tremendo privilégio falar nessas escolas.

É aqui que futuros primeiros-ministros, membros do Parlamento, até mesmo os reis da Inglaterra são formados. Winston Churchill é um dos mais orgulhosos formandos de Harrow, e o príncipe herdeiro William e Harry ambos frequentaram Eton e se formaram lá. Assim, este é um grupo estratégico de jovens estudantes que foi emocionante encontrar. Minhas impressões gerais da viagem foram duplas. Primeiro de tudo foi o calor impressionante da recepção que recebemos. Os estudantes estavam tão empolgados que eu falaria em sua escola. Em Eton, quando terminei minha palestra, os aplausos foram tão sustentados e ensurdecedores que finalmente

senti que precisava ficar de pé outra vez e acenar em agradecimento, porque eles estavam tão gratos por esta palestra. Assim, é óbvio que estes jovens já estão acessando o material no YouTube e na Internet, e estavam muito empolgados em me ver vir e falar na escola deles. A outra impressão que tive foi a recepção impressionante que tivemos entre o corpo docente destas escolas. Vez após vez encontramos professores cristãos que me agradeceram muitíssimo pelo trabalho que estamos fazendo e pelos recursos que estamos dando a eles.

O argumento cosmológico Kalam é de fato abordado no livro-texto britânico padrão de educação religiosa usado nas escolas britânicas. Assim, esses professores ensinam sobre este material, e muitos deles tinham perguntas substantivas para me fazer. Tivemos boas discussões. Penso que influenciar e encorajar esses professores a serem ousados por Cristo e a permanecerem firmes por ele – a modelar isso para eles – é provavelmente tão significativo quanto qualquer influência que possamos ter tido sobre os estudantes porque esses professores continuarão a influenciar gerações de estudantes que virão. A última coisa que eu queria dizer sobre a viagem foi que, além destas escolas, tive o privilégio impressionante de participar de uma entrevista de rádio em Londres com Sir Roger Penrose, um dos maiores cosmólogos de todos os tempos. Seu nome está imortalizado nos teoremas de singularidade Hawking-Penrose que estabeleceram o Big Bang.

Por uma hora e vinte minutos, Penrose e eu nos sentamos juntos, face a face, falando sobre sua visão metafísica do mundo e eu lhe oferecendo uma interpretação teísta que lhe permitiria unir os três reinos do físico, do mental e do abstrato que ele admite não saber como unificar. Também falamos sobre a origem do universo e sua cosmologia cíclica conformal e o ajuste fino do universo para vida inteligente. Foi fascinante para mim que Penrose não optou nem por necessidade física, acaso, ou desígnio para explicar o ajuste fino. Antes, ele apenas preferiu ser agnóstico quanto ao ajuste fino. Ele diz: não estou negando isso, mas não tenho certeza de que o universo esteja ajustado finamente para a vida. Como eu disse a ele, isso simplesmente me pareceu uma alternativa bastante desesperada, porque o ajuste fino é tão bem estabelecido e quase universalmente reconhecido. Assim, isto por si só valeu a ida à Inglaterra – ter este diálogo com Penrose. Será transmitido mais tarde no ano, em setembro. Avisaremos vocês quando isso sair.

Apresentação comentada dos slides

Vamos mostrar alguns slides agora da viagem, e darei uma pequena narração enquanto passamos por eles, para que vocês saibam o que estão vendo. Começamos nossa viagem às escolas em Londres. Esta é a Torre de Londres. Nós a visitamos no primeiro dia para tentar nos livrar do jetlag. Viajamos com Michael Lepien e sua esposa, Jaclyn. Ele é o diretor executivo de Reasonable Faith, e filmou os eventos. Também com Peter e Heather May, nossos amigos ingleses. Peter ajudou a organizar nossas duas turnês anteriores pelo Reino Unido. Aqui estamos na Canford School. Esta era a equipe. Viajamos juntos em um micro-ônibus indo às várias escolas. Esta é a Torre de Londres novamente, em Londres. Um passeio de barco pelo Tâmesa apenas para tentar nos aclimatar. Passamos de barco sob a London Bridge e por muitos outros marcos ao longo do Tâmesa. Tower Bridge. E então no dia seguinte visitamos o Museu Britânico. Tendo estado imerso ultimamente em estudos do Antigo Oriente Próximo, eu estava muito ansioso para ver as exposições mesopotâmicas e egípcias no Museu Britânico. Essa era a Pedra de Roseta naquele slide, que decifrou os hieróglifos egípcios. Estas são colunas do templo de Ramsés.

A sala dos livros no Museu Britânico. As antiguidades que estão ali abrigadas são simplesmente fabulosas. Este é um gato egípcio, uma estátua, uma bela figura. Um artefato do palácio de Sargão que era relevante para o trabalho no Antigo Testamento. Estes são da Assíria. Estas são as coisas que você vê na exposição mesopotâmica. Este é um relevo de parede assírio que exhibe os tipos de painéis que existiam no palácio de Assurbanípal. Também visitamos as seções gregas que tinham esses templos gregos remontados, bem como estatuetas do Partenon. Este é o famoso mapa, chamado mapa babilônico do mundo – uma designação grosseiramente equivocada da qual falei aqui em aula. Aqui está um close dele. Pedi especificamente a eles que me mostrassem isto. Eu queria ver este artefato. No verso dele, que vocês veem no painel azul, está a Epopeia de Gilgamesh que foi descoberta e traduzida por George Smith e da qual falamos nesta aula. Passamos pelas casas do Parlamento para que Michael e Jaclyn pudessem vê-las. Abadia de Westminster, bem do outro lado da rua onde debati com Lewis Wolpert no Central Hall, Westminster. Finalmente embarcamos em nossa viagem.

Nossa primeira parada foi Wellington College, no deslumbrante interior inglês verde e ondulado. Esta é a capela do Wellington College na qual falei. Novamente, isto é um ensino médio, pessoal! É simplesmente inacreditável! Nomeado em homenagem ao duque de Wellington; é um memorial permanente a ele. Tomamos café da manhã em um restaurante de fazenda com uma ovelha de chifres encaracolados. Então passamos pelo Castelo de Windsor, que fica a poucos passos de Eton, onde meu pai marchou em desfile durante a Segunda Guerra Mundial. Isso foi especialmente significativo para mim. Os jardins de rosas estavam floridos enquanto estávamos lá e estavam belos. Este é Roger Penrose (ele tem, penso eu, cerca de 81 anos ou algo assim) antes de nossa entrevista. Sentamo-nos juntos neste formato, e por quase uma hora e meia falamos sobre estas importantes questões metafísicas e científicas. Então falei em Harrow, que fica perto de Londres, onde Winston Churchill foi estudante e se formou. Estas são salas muito antigas, que remontam aos anos 1500. Esta, em particular, vem dos anos 1500.

Na parede, estudantes gravaram seus nomes ao longo dos séculos nos painéis de madeira, e vocês podem realmente ver o nome de Winston S. Churchill naquele painel horizontal iluminado ali onde ele gravou seu nome. No campus de Harrow fica a Igreja de Santa Maria. Esta igreja foi

fundada por Santo Anselmo. Você consegue imaginar? Isto é do século 11. Esta é a capela em Santa Maria onde o próprio Santo Anselmo deve ter pregado e ministrado. Algumas das belas janelas nas salas. Enquanto estávamos lá, pudemos ouvir os sons de uma gaita de foles enquanto um estudante tomava aulas de gaita de foles. Outra das capelas em Harrow; eles têm várias. Aqui está o estudante com seus instrumentos, e ele fez uma serenata para nós – foi maravilhoso. Então fomos a Eton. Eton College está, penso eu, muito acima de todas as outras escolas particulares inglesas. Estes são alguns dos prédios no campus de Eton. Aqui está a equipe na casa de amigos de Peter e Heather – os Billingsstone – em Southampton. Isto é de Winchester College, onde, depois que a palestra termina, normalmente fico imerso em conversa com estudantes. Muitos descrentes presentes, dava para perceber.

Esta é Canford, também tem belos terrenos no interior inglês. Tivemos um café da manhã especial preparado para nós, porque falaríamos lá de manhã. Pude sentar-me com estudantes de metafísica e filosofia que esperam prosseguir nessa área. Em Canford eles têm este painel. É uma réplica de um painel original que foi trazido para cá do palácio de Assurbanípal II na Mesopotâmia. Eles não sabiam o que era – as crianças estavam jogando dardos nele. Esta é Canford novamente. A última parada foi a prefeitura de Oxford onde dei uma palestra sobre cinco razões pelas quais você deveria mudar de ideia sobre Jesus. Isso foi um grande privilégio. Durante a palestra, a eletricidade de repente fez “Pop!” e toda a sala ficou às escuras. Continuei por um pouco sem amplificação no escuro, mas então as autoridades nos evacuaram para a rua, e continuamos nossa conversa com os estudantes ao ar livre, na rua. Então foi simplesmente uma viagem fabulosa, e somente o Senhor sabe como Ele a usará na vida desses estudantes e docentes. Obrigado, querida. Há algum comentário ou pergunta que alguém possa ter sobre a viagem que eu possa responder?

Perguntas sobre a viagem e encerramento

Aluno: Com sua conversa com Roger Penrose – sempre o respeitei; ele tem sido ótimo e muito maduro quando se trata de falar sobre religião – sempre me perguntei qual é exatamente a posição dele. Ele é um ateu radical ou é apenas estritamente agnóstico? Dr. Craig: Agnóstico, eu diria. Ele não é como Hawking ou alguns desses outros cientistas que são realmente antimetafísicos. Ele é extremamente aberto à metafísica. Ele fala sobre como há um reino matemático de objetos abstratos que é real – tão real quanto o reino físico – e que há um reino mental de mentes, consciência, que é tão real quanto o físico e não pode ser explicado em termos dele. Assim ele tem estas três áreas da realidade, e admite: não sei como juntar estas coisas. Estes são os três mistérios da existência. Então ele é muito metafísico, e por isso me senti muito livre ao falar com ele sobre a realidade metafísica de Deus, uma mente infinita que fundamenta o reino abstrato e criou o reino físico. Aluno: Imagino que o senhor tenha falado com ele sobre o argumento da indispensabilidade, já que estava discutindo objetos abstratos? Dr. Craig: Eu não!

Ele quer saber se discuti este argumento da indispensabilidade a favor da realidade dos objetos abstratos. Eu não queria defender o antirrealismo. Antes, eu queria oferecer a ele algo que lhe permitiria unificar sua própria cosmovisão. Conceda a ele o reino abstrato dos objetos matemáticos. A questão é: Como você unifica estes três reinos desconexos e díspares da realidade? Sugeri que tudo o que você precisa fazer é estender o reino mental para incluir não apenas mentes finitas, mas uma mente infinita cujos pensamentos são o conteúdo do reino

abstrato e que criou o mundo físico. Então eu estava realmente tentando ser muito convidativo ao oferecer-lhe algo. E devo dizer que fora das câmeras, depois da entrevista, ele me agradeceu por isso. Ele disse: nunca pensei em estender o reino mental dessa maneira. Você me deu algo em que pensar. Obrigado. Então foi muito positivo. Aluno: Antes de tudo, as cinco razões para mudar de ideia sobre Jesus. Isso vai estar no YouTube? Ou a queda de energia meio que impediu isso? Dr. Craig: Isso foi filmado, pelo que me lembro. Sim, Michael conseguiu filmar o evento em Oxford.

Foi tão engraçado, porque eu meio que briguei um pouco com o organizador deste evento. Ele queria limitar meu tempo. Ele disse: você precisa terminar em 40 minutos. E eu disse que precisava de mais tempo do que isso. Eu disse: se esses estudantes do ensino médio conseguem ouvir uma palestra tão longa, certamente estes estudantes de Oxford conseguem. Ele disse: não, tem de ser apenas 40 minutos. Então eu realmente tive de cortar uma das minhas razões. Dei apenas quatro razões em vez de cinco. Mas quando a eletricidade acabou durante a sessão de perguntas e respostas, pensei: meu Deus! Foi realmente bom que eu tivesse de dar esta palestra encurtada, caso contrário teria acabado durante a palestra. Não teríamos tido nenhuma oportunidade de mostrar os vídeos. Então meio que funcionou bem no final. Aluno: A outra coisa: quais foram algumas das razões que o senhor deu? O senhor deu o argumento da ressurreição? Dr. Craig: Sim. Usei nossos vídeos Zangmeister em todas estas palestras, e então falei sobre o sentido da vida, o argumento cosmológico Kalam, o argumento do ajuste fino, o argumento moral, e a evidência da ressurreição de Jesus.

Aluno: Houve alguma pergunta que meio que o deixou sem resposta? Ou o senhor teve a sensação de que eles eram antagônicos, ou eram receptivos e buscavam respostas? Dr. Craig: Houve definitivamente perguntas antagônicas. Claramente havia muitos descrentes presentes. O que aconteceu aqui que foi um pouco incomum – normalmente não acontece comigo em campi dos EUA – é que as pessoas tentaram levantar questões políticas com as quais tentariam me apanhar em alguma palavra. Por exemplo, um dos estudantes disse: o senhor comparou o registro americano sobre o aborto, ou o senhor o chamou de Holocausto americano. O senhor não acha que isso é depreciativo para os judeus que sofreram durante o Holocausto na Segunda Guerra Mundial? E não vi nenhuma razão para recuar. Eu disse que na Alemanha nacional-socialista milhões de vidas inocentes – de seres humanos inocentes – foram mortas arbitrariamente sem nenhuma boa razão. E desde 1973 em meu país, quase um milhão de seres humanos por ano têm sido mortos arbitrariamente por aborto sob demanda.

E então expliquei minha posição como uma posição pró-vida baseada no valor intrínseco dos seres humanos e na evidência biomédica indisputável de que o feto em desenvolvimento é um ser humano. Então eu disse que o feto é um ser humano que tem valor moral intrínseco e é investido de direitos morais intrínsecos que não podem ser sobrepujados sem algum tipo de justificação moral. O que significa que o aborto sob demanda é imoral. Então simplesmente mantive o que havia dito. Penso que é um tipo de Holocausto. Aluno: Eles foram receptivos de algum modo? Dr. Craig: Sim, eles foram receptivos, penso, a julgar pelos aplausos ao final. Como digo, simplesmente aplausos tremendos. Mas isso não significa que não houvesse muitos estudantes incrédulos na audiência, ansiosos para me confrontar e levantar objeções. Um estudante em Harrow, eu me lembro, começou a despejar uma objeção após outra. Eu disse: espere! Espere! Não vou conseguir lembrar de todas estas objeções se você não me deixar

tratá-las uma de cada vez. E ele insistiu. Ele disse: tenho mais duas, e continuou. E então percebi – reconheci – que essas objeções eram apenas coisas da Internet.

Eu disse: você tem lido lixo demais na Internet, e o lugar inteiro simplesmente irrompeu em aplausos. Expliquei a ele que no minuto em que ele disse que o argumento Kalam comete a falácia da composição eu soube de onde isso vinha, porque nenhum filósofo confiável diria isso. Isto é lixo da Internet de pessoas que não entendem lógica ou falácias lógicas. Eu o encorajei a ler On Guard, e colocamos uma cópia de On Guard em cada uma das bibliotecas dessas escolas. Eles ficaram muito gratos por fazermos isso. Assim, era definitivamente uma audiência mista de cristãos e não cristãos. Bem, estamos sem tempo e quero respeitar isso. Então encerremos com uma palavra de oração. Pai, nós te agradecemos pelo que fizeste nesta turnê de Escolas Inglesas e oramos pelos estudantes que vieram a estas reuniões, para que continues a trabalhar em seus corações e os leves a refletir sobre o que ouviram. Oramos para que encorajes os docentes que encontramos. Ajuda-os a serem fortes e corajosos em sua posição por Cristo. Mesmo em meio a um ambiente secular e uma cultura que pode ser tão hostil em muitos sentidos.

Oramos agora, ao sairmos para a semana, que nos enchas com o Teu Espírito Santo, guies a nós, e nos ajudes a viver de tal modo que honremos o Senhor Jesus Cristo, por meio de quem oramos. Amém.

Referências

Robert R. Wilson, Genealogy and History in the Biblical World (New Haven: Yale University Press, 1977).

William Lane Craig, On Guard, livro mencionado no relato da visita às escolas.

Notas editoriais da revisão

[1] O relato da viagem e suas referências a cargos, idades e acontecimentos próximos pertencem ao contexto original desta aula de 2019.

Créditos e fontes

Autoria: William Lane Craig. Publicação original: Reasonable Faith.

Conteúdo original: © 2019 William Lane Craig.

Tradução e edição em português: Fé Razoável. Revisão: 22/10/2026.

Fonte original: <https://www.reasonablefaith.org/podcasts/defenders-podcast-series-3/excursus-on-creation-of-life-and-biological-diversity/excursus-on-creation-of-life-and-biological-diversity-part-15/>

Aula em português: <https://ferazoavel.com.br/defensores-criacao-vida-diversidade-biologica-parte-15/>